

Educação e convergência: percepções e práticas dos jovens de escolas públicas brasileiras em relação aos média e o seu potencial para leituras transmídia¹

Eduardo FARIA²
José Gabriel ANDRADE³
Universidade do Minho, Braga, Portugal

Resumo

Os jovens têm papel importante no combate à desinformação, em especial no Brasil, em que a população abaixo dos 30 anos representa mais de 42% da população. A relação entre o jovem e os média demandam novas formas de pedagogia de ensino que possam promover diferentes níveis de literacia⁴, que consideram os aspectos da convergência e do transmídia. Neste sentido, a educação escolar pode ser o caminho para despertar nos jovens novos saberes sobre os média e o combate à desinformação. Esta pesquisa evidencia alguns dados, extraídos da pesquisa de Mestrado em Ciências da Comunicação, e teve como objetivo averiguar às percepções, hábitos e práticas dos estudantes em relação aos média de comunicação, informação e tecnologias, que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades e novas literacia para leituras transmediáticas.

Palavras-chave: Comunicação e educação; narrativa transmídia; jornalismo transmídia; processos comunicacionais; linguagens mediáticas

Introdução

O fenômeno da convergência alterou a forma como os média passaram a produzir informações e, paralelamente, alterou o modo como os diferentes públicos passaram a consumir os produtos mediáticos (JENKINS, 2019). Com o advento do transmídia, as narrativas passaram a trabalhar de maneira articulada - seja através do empenho dos média de comunicação e informação em produzir produtos transmediáticos, como também pela aglomeração de narrativas de distintos meios que, dispersas, agregam-se e tornam-se um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, Braga, Portugal; e-mail: eduardofaria202@gmail.com

³ Universidade Católica Portuguesa. Professor auxiliar na Universidade do Minho, Braga, Portugal; e-mail: jgandrade@ics.uminho.pt

⁴ Esta pesquisa faz uso do termo “literacia mediática” e “literacia para os média”, adotando o conceito grafado em português de Portugal, ao invés de “educomunicação”. Para Caetano (2017), conceitos como *media literacy*, educação para os meios, mídia-educação, educação para os média, educomunicação, literacia mediática, letramento mediáticos, entre outros, versam todos sobre os interesses ligados ao campo da pedagogia e da literatura.

imenso hipertexto transmídia a ser consumido. Diante desta realidade, torna-se relevante promover aos jovens práticas de ensino que contemplem o transmídia, bem como os diferentes aspectos da convergência. Pode-se acrescentar que a integração entre o jornalismo e a educação é necessária em tempos em que a desinformação toma conta dos mídia (BRITES, 2015). Neste caminho, incentivar os jovens na busca de informações de qualidade não é o suficiente por parte da escola. É preciso, antes de tudo, promover formas de literacia mediática, digital e cívica (CARDOSO *et al.*, 2018) que insiram os jovens num mundo que se desenvolve e se estabelece sobre as narrativas e onde as narrativas são transmediatizadas e fluidizam-se entre informações e desinformações nas redes e plataformas. Em especial no Brasil, em que a população abaixo dos 30 anos representa mais de 42% da população⁵.

Freire (1987), considera que o processo de aprendizagem deve partir da “educação-ação”. Nesta perspectiva, a educação não se limita a lecionar apenas o conteúdo programado e estático descritos nos livros, como também recorre às narrativas de um mundo dinâmico e em movimento como método de aprendizagem. Com isso, a comunicação, os mídia, o jornalismo, a informação e, sobretudo, a desinformação não são apenas pautas que integram o mundo fora dos muros da escola. A educação em tempos de convergência considera os mídia de comunicação e informação nos processos de aprendizagem. Contempla o jornalismo como um exercício para a liberdade da informação; a narrativa jornalística como fonte de conhecimento e a desinformação como um problema a ser combatido.

Tendo isso, esta pesquisa considera que a educação em tempos de convergência pode agir em oposição à desinformação por intermédio da integração da escola com os mídia, de modo a contribuir para a formação de jovens mais críticos em relação aos conteúdos consumidos. Sendo assim, este estudo objetiva identificar as percepções, hábitos e práticas dos estudantes de escolas públicas brasileiras em relação aos mídia de comunicação, informação e tecnologias, que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades e novas literacia para leituras transmediáticas. O estudo faz uso da abordagem quantitativa, por meio da aplicação de inquéritos em duas escolas públicas brasileiras. Segundo Malhotra (2006, p. 154), este método de pesquisa permite quantificar os dados colhidos mediante instrumentos estruturados e cuja análise seja apresentada de

⁵ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em 04/06/2022.

forma estatística. Para Zanella (2013, p. 95), o método quantitativo preocupa-se com a representação numérica, tenciona a medição mais objetiva e quantitativa dos resultados e sua adoção justifica-se na intenção de descobrir quanto uma parcela da população compartilha características em comum. A amostra utilizada nesta pesquisa é composta por duzentos estudantes⁶ do ensino médio, com idades compreendidas entre 15 e 18 anos, embora alguns estudantes tenham idade superior. Os alunos estavam matriculados no ano letivo de 2020, do 1º ao 3º ano do ensino médio, em duas unidades de educação pública em São José dos Campos⁷, no interior de São Paulo.

Os dados apresentados é um compilado da pesquisa de Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho. O inquérito com 35 questões divide-se em três momentos: a primeira parte compreende à integração da tecnologia no dia a dia dos alunos e seus hábitos de utilização dos recursos tecnológicos dentro e fora do ambiente escolar; a segunda parte busca identificar os hábitos quanto ao consumo de notícias e informações do jornalismo nos média em geral (tradicionais e tecnológicos); por último, a terceira parte pretende avaliar de forma prática como os jovens se relacionam com a informação, desinformação e identificam as desinformações que estiveram presentes nos média do Brasil nos últimos anos.

Convergência entre a escola e os média: promoção de novas formas de literacia aos jovens

O cenário atual, com o domínio dos média tecnológicos de comunicação e informação, exige o desenvolvimento de novas competências que possam contribuir com aprendizado de novas formas de pensar, consumir, interpretar, produzir e compartilhar

⁶ Considerando a realidade do ensino público nas escolas brasileiras, principalmente nas regiões distantes dos grandes centros e capitais - no qual resulta na falta de estrutura informática para aplicação de inquéritos online - optou-se pela aplicação de questionário impresso, pela democraticidade que o papel impresso oferece neste cenário. Os dados recolhidos e aqui apresentados e analisados resultam do conjunto de 34 questões optativas e discursivas.

⁷ * A Escola Estadual Professora Dirce Elias está localizada no bairro dos Freitas. A unidade compreende-se como uma escola rural com turmas do ensino fundamental ao último ano do ensino médio, está situada num bairro com poucos recursos, sendo necessário o deslocamento ao centro da cidade para ter acesso a suporte de saúde, mercados, universidades, indústrias, etc. Recentemente passou a ter uma biblioteca com livros ainda não catalogados e não possui computadores.

** Escola Estadual Ilza Irma Moeller Coppio, está localizada no bairro Vila Sinhá, próximo à região central da cidade. Desde 2013 a unidade passou a trabalhar de forma integral, seguindo um novo modelo adotado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A unidade conta com salas temáticas de português, história, arte e geografia, além de sala de leitura e informática. A escola oferece aos alunos sete computadores portáteis e dez computadores de mesa, sendo preciso dividir os equipamentos em dupla.

informações. A apreensão de novas formas de literacias emerge nas sociedades multimidiáticas como recurso para a construção de “novas formas de saberes” (PERUZZO, 1999; LOPES, 2011; LIVINGSTONE, 2004). Com a passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação, o conhecimento pré-estruturado que moldou a educação de jovens e adultos em meados do século XX abriu espaço para necessidade da adoção de novas ferramentas educativas que possam contemplar também os média.

Lopes (2011) indica que o conceito de literacia surge a partir dos anos 70, tendo como base três elementos-chave: competência de leitura, de escrita e cálculo. O domínio destas três competências, consideradas indispensáveis para o bom desempenho na vida cotidiana foram responsáveis pela estruturação da educação escolar por décadas. Para a pesquisadora (2011, p. 03), o conceito de literacia é amplo e transversal uma vez que não se trata apenas do domínio e reprodução do conhecimento em si, mas do domínio crítico e reflexivo acerca do conhecimento recebido. Tendo em vista as mudanças que nos atravessam, a convergência entre os média coloca a escola diante do desafio que consiste na reestruturação pedagógica, por meio da promoção de novas formas de literacia que contemplem também as narrativas transmídia e a experimentação de novas ferramentas de ensino. Segundo Freire (1987), o uso dos média como ferramenta pedagógica remete à transversalidade necessária para que os indivíduos possam desfrutar de uma educação transformadora. O educador ressalta que a integração da escola com os média propõe despertar a leitura do mudo, fazendo com que a educação se aproxime da realidade.

No Brasil, segundo Rosa (2016, p. 26), a literacia é tradicionalmente utilizada para “designar novas habilidades desenvolvidas pelo sujeito exposto às novas mídias, informações e tecnologias.” Contudo, apesar do domínio de novas formas de literacia para os média ser o caminho para a educação civicomediática, uma vez que, estes exercem grande influência na forma como nos posicionamos em sociedade, existem algumas dificuldades de avaliar o domínio destas competências. Livingstone, apontada na pesquisa de Pereira, Pinto e Moura (2015, pg. 04), afirma que “ainda há poucos entendimentos sobre a literacia mediática ou sobre como medir e, por conseguinte, poucas evidências sobre os efeitos dos esforços para a melhorar.”

Por isso, diferentes tentativas têm buscado dar respostas ao avaliar o grau de literacia mediática em jovens e adultos ao redor do mundo. Tendo esta limitação, esta

pesquisa busca identificar as percepções, hábitos e práticas dos estudantes em relação aos mídias de comunicação, informação e tecnologias, que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades e novas literacia para leituras transmediáticas. Tenciona-se ainda, num esforço exploratório, levantar questões sobre as possíveis capacidades que os jovens detêm no contexto da convergência e que, possivelmente, podem ajudá-los na interpretação e nos processos de leituras transmídia das (des)informações. Para Mora e Silva (2019, p. 756) “o cenário da hiperconectividade e a convergência midiática, aliados às possibilidades de comunicação e informação oriundas desses processos, constituem uma realidade com impactos diretos no sistema educacional.” Diante deste cenário, as autoras argumentam que diferentes diretrizes e documentos educacionais que abordam formas de literacia aos jovens ao redor do mundo, surgem da preocupação trazidas pelos meios digitais.

Mãos na massa! experimentação dos mídias e tecnologias como fonte de aprendizado

Os mídias digitais vêm facilitando há alguns anos a multiplicação de discursos alternativos e informações sem precedentes, materializando-se em uma grande arena discursiva em que membros anônimos (entre grupos dominantes e dominados) desenvolvem discursos com o intuito de moldar a opinião pública. Neste movimento, surgem dois grandes problemas: (1) num primeiro momento, quanto maior é a exposição à internet e menor for o grau de educação midiática, maiores são as chances de consumir e partilhar desinformações; (2) quanto menor forem as possibilidades dos jovens convergirem entre os mídias - redes, plataformas e as suas narrativas - atrelados à falta de literacia, os riscos na participação social aumentam exponencialmente. Como enfatiza Rosa (2016, p. 49), a literacia “se apresenta como um direito básico de todos os cidadãos, pois tange o próprio desenvolvimento humano pelo direito de se expressar livremente.”

Livingstone (2004, p. 02) considera que o nível mais alto de literacia midiática consiste na “capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de contextos”. Somente a partir do domínio destas habilidades, a autora considera que seja possível a plena participação democrática dos sujeitos nos debates sociais. Assim, o empenho por parte da escola e dos agentes socioeducativos na promoção de novas formas de literacia para os mídias converte-se também numa atitude democrática. Para Caetano

(2017, p. 05), às adversidades inerentes à sociedade da informação desafiam à escola e agentes que trabalham com educação, em espaços formais e não formais, a buscarem maneiras de ampliar a leitura do mundo aos jovens.

A ideia de convergir a educação com mídia de comunicação e informação revela-se como sendo um poderoso instrumento socioeducativo capaz de promover o pleno exercício da cidadania aos jovens e a participação integral de qualquer cidadão nas pautas sociais. De acordo com Peruzzo (1999), a participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania (...), a pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura.

Após a explosão da internet e das novas tecnologias, Prensky (2001) cunhou o termo “nativo digital” para designar a geração dos jovens que, segundo o autor, são diferentes dos jovens anteriores, não apenas no modo de agir ou se vestir. Ele argumenta que estes nativos digitais já nasceram cercados pelas tecnologias, manuseando computadores, tablets, vídeo-games, câmeras de vídeo, telefones, *smartphones*, jogos online e tantos outros dispositivos digitais. Neste sentido, o termo parece dar cabo de que os jovens que nascerem após a popularização das tecnologias e das redes já nasceram com habilidades suficientes para manuseá-las. Conforme alerta Petrella (2012), é perigoso compreender acriticamente a expressão “nativos digitais” aos jovens que cresceram na Sociedade em Rede, por conta do risco de se pensar de maneira generalizada que todos os jovens que nasceram após o advento das redes são plenamente capazes de se autoeducar para o uso de novas tecnologias. Assim, ao oposto do conceito dos nativos digitais, a literacia surge, como já pontuado por Rosa (2016), como forma de “designar novas habilidades” dos média às tecnologias. Não se trata, portanto, de ensinar a fazer, mas de se pensar, ler e interpretar o que se está fazendo – e consumindo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Adesão dos jovens aos média e tecnologias

O processo de aprendizado para leituras transmídia depende do grau de transitoriedade no contexto da convergência aos jovens em relação aos média. Ou seja,

as possibilidades de convergirem entre os mídia, plataformas e tecnologias é o que possibilita aos jovens desenvolverem comportamentos transmediático (JENKINS, 2019). Brites (2015, p. 40) avalia que as tecnologias, mais precisamente a internet, constituem, atualmente, uma categoria de bens que não devem ser negligenciados e “devem ser identificados como essenciais para prevenir a exclusão social.” Para tanto, buscou-se identificar os hábitos culturais dos adolescentes em relação ao uso das tecnologias e consumo dos mídia de informação, comunicação e do entretenimento.

Ao serem questionados sobre os mídia e tecnologias que mais usam no dia a dia, 98% afirmam que a internet está presente “sempre/muitas vezes” no cotidiano. 91% responderam que sempre usam *smartphones* e apenas 7% disseram que “raramente/nunca” usam *smartphones*. A pesquisa identificou que os mídia tradicionais de informação ocupam pouco espaço nos hábitos de consumo dos jovens. Tanto as revistas impressas gratuitas, quanto às revistas impressas pagas, não tiveram um número significativo de consumidores. 97% dos estudantes responderam que não costumam ler revistas pagas e apenas 1% respondeu que as lê “sempre/muitas vezes” revistas gratuitas. Na mesma perspectiva, os jornais impressos pagos não costumam participar da dinâmica dos estudantes. Quase a totalidade (98%) afirma “nunca/raramente” fazer uso dos jornais.

Apesar do número significativo de jovens com acesso à internet e *smartphones* nas mãos, a televisão mostrou-se resistente como meio mais utilizado em casa pelos inquiridos. Metade dos inqueridos (50%) afirmam que a TV esta presente no cotidiano. Na mesma linha dos mídia tradicionais, 8% responderam que ouvem rádio sempre ou com muita frequência e 72% afirmaram que nunca ou raramente ouvem conteúdos radiofônicos.

Acesso à internet e aos mídia de informação em casa

O acesso à internet e aos mídia de comunicação e informação é indispensável para a participação dos jovens nos debates sociais (BRITES, 2015; LOPES, 2011). Deste modo, o acesso à internet e aos mídia contribuem para a apreensão de novas formas de literacia que emergem nas sociedades multimidiáticas como recurso para a construção de “novas formas de saberes” (PERUZZO, 1999; LOPES, 2011; LIVINGSTONE, 2004). Neste sentido, buscou-se identificar o envolvimento dos jovens com as redes e com os

média de informação. A pesquisa indicada revelou que 89% dos jovens estudantes das escolas públicas avaliadas têm acesso à internet dentro de casa, sendo que 11% responderam que não tem acesso à internet em casa.

Em relação aos média de informação, mais precisamente do jornalismo, 72% afirmaram não ter assinaturas de jornais, revistas ou sites de cunho informativo. Por outro lado, os média do entretenimento ganham mais espaços nas casas dos jovens. Os canais pagos de televisão, incluindo os *streamings*, aparecem com mais frequência na dinâmica familiar dos inquiridos. 62% alegaram que possuem assinaturas de canais pagos em alguma outra plataforma de vídeo. Já os que possuem acesso apenas aos canais de TV aberta somam 47%. O consumo de filmes internacionais está na preferência de 75% dos inquiridos, seguido das séries internacionais, com 56 %. Já as produções nacionais, que por vezes retratam a realidade dos brasileiros, estão na preferência de pouco mais da metade dos adolescentes. À adesão aos filmes nacionais somam 54%, enquanto as séries produzidas no Brasil correspondem a 34% de interesse dos jovens.

Regras e práticas de ensino tecnológico nas escolas

Segundo Jenkins (2019, l. 772), “são as pessoas que têm o maior acesso às novas tecnologias mediáticas que dominaram as habilidades necessárias para participar plenamente das novas culturas do conhecimento.” Sabendo do déficit das escolas públicas brasileiras quanto ao uso das tecnologias, interessou-nos saber sobre os hábitos dos estudantes quanto ao uso individual das tecnologias em ambiente escolar. Como as escolas reagem ao uso de telefones celulares, *smartphones*, notebooks e tablets?

A maioria dos inquiridos (89%) alegou levar algum dispositivo tecnológico para a escola, dado similar ao número de alunos que levam para dentro da sala de aula, 88%. Ponderou-se nesta questão que nem sempre o estudante que leva algum dispositivo para dentro da escola tem a liberdade de usá-lo dentro da sala de aula. Apesar do número considerável de estudantes portando algum tipo de dispositivo, 40% afirmam que a política escolar não permite o uso dos dispositivos na unidade.

Em relação à motivação por parte dos professores em sala de aula, quanto ao uso dos dispositivos tecnológicos, 57% considera se sentir motivado a usá-los durante as aulas. Apesar do número significativo, 43% disseram que não se sentem motivados a fazer uso de tecnologias durante as aulas. A representação dos números que divide quase

ao meio o índice de motivação e desmotivação, possibilita-nos refletir sobre a passagem em curso entre a cultura do ensino letrado à cultura dos média e da convergência. Até o fim do século XX, acreditou-se que a tecnologia poderia ser um recurso indispensável na construção do conhecimento extraclasse, sendo quase um perigo para a consolidação do conhecimento transferida pelo educador. Entretanto, fazendo uso das práticas convergentes, o educador será responsável pela dinâmica interdisciplinar que possa trabalhar a tecnologia e os média (ROSA, 2016). Sendo assim, o estímulo ao uso das tecnologias em sala de aula pode valer-se dos dispositivos que, como apontam os dados, já estão nas mãos dos jovens estudantes das escolas públicas brasileiras.

Práticas utilizadas para buscar informações

Hoje as desinformações chegam a todos principalmente pela internet, e a convergência entre os média digitais e tecnológicos, junto com as redes sociais, é quem mais se responsabilizam pela disseminação em massa. Se por um lado a convergência influencia na multiplicação de informações, por outro a falta de comportamento que contemple à convergência pode afetar a compreensão dos fatos narrados pelos média de informação. Nesta realidade, habita também uma certa dualidade em relação à convergência, já que nem sempre maior quantidade de informações recebidas é sinônimo de estar bem informado (FONTCUBERTA, 1999).

Dos média que aparecem com baixo índice de usabilidade entre os estudantes estão os jornais e as revistas impressas, seguido do rádio, respectivamente com 3% e 7% de adesão. A televisão e as produções televisivas no âmbito do jornalismo aparecem com 38% no total consumidores. Em primeiro lugar no uso diário como meio para obter informações concentram-se as redes sociais, com 50% dos jovens, a metade da amostragem. A internet com as produções do jornalismo aparece com 46% e, a seguir, a rede aparece no cotidiano de 28% dos estudantes, através de blogues e blogueiros disponíveis nas plataformas digitais.

Percepções sobre o jornalismo e as informações jornalísticas

A notícia é um conceito aberto e cada um pode definir o que notícia para si de acordo com as suas bagagens e vivências (FONTCUBERTA, 1999). Esta definição molda-se de acordo com as transformações da sociedade em que está inserida. Contudo, em via de regra, em qualquer recorte de tempo as notícias fomentam a participação dos cidadãos nos debates, provocando mudanças por meio do acesso à informação. Além disso, nenhum indivíduo é capaz de tomar decisões assertivas sem ter o conhecimento dos acontecimentos que referem à sua realidade política, social e cotidiana.

Para tanto, buscou-se identificar o modo como os jovens estudantes relacionam o papel do jornalismo e a importância atribuída aos média de informação jornalística na sociedade. Verificar como os estudantes de escolas públicas brasileiras assimilam o ofício do jornalismo pode contribuir para identificar a função que o jornalismo desempenha no imaginário dos jovens estudantes. Por outro lado, também pode fomentar o empenho dos profissionais da educação, dos produtores dos média de comunicação e informação, na busca de métodos que possam colaborar para a educação mediática dos jovens. No total, 68% dos estudantes assinalaram a opção que afirma que *“às vezes o jornalismo contribui para a educação e divulgação da cultura em geral”*. A seguir 64% referem que *“o jornalismo serve apenas para difundir publicidade nos meios de informação”* e igualmente a mesma proporção acreditam que *“o jornalismo serve apenas para informar”*.

Embora grande parte dos estudantes saibam identificar a função do jornalismo no contexto social e 61% concordarem que é *“impossível viver numa sociedade sem informação e sem o jornalismo”*, a dificuldade em identificar com exatidão o desempenho do jornalismo na sociedade pode estar ligado ao distanciamento da educação com os média de informação e comunicação.

Comportamento na partilha de informações

Ponderando sobre o comportamento de partilha nas redes, foi questionado aos estudantes se eles costumam compartilhar informações nas redes. Aqui o *WhatsApp* aparece separado das “redes sociais”, com o intuito de identificar com clareza a potencialidade de partilha que a plataforma de mensagem indica no cotidiano dos estudantes. É sabido que a cultura da partilha é a responsável por colocar a disseminação

das desinformações num patamar nunca visto na história da comunicação humana. Por essa razão, considera-se importante averiguar de que modo os estudantes atuam neste sentido.

Ao que se refere à partilha de informações no *WhatsApp*, mais da metade, 59%, responderam que não costumam compartilhar informações na plataforma. Por outro lado, 42% assinalaram que a plataforma de comunicação também é utilizada como meio para compartilhar notícias disponíveis na internet. O número de estudantes que não compartilha informações no *WhatsApp* pode parecer satisfatório, mas se considerarmos que a aplicação está presente na rotina de 96% deles (como indicou a pesquisa) e que um que compartilha informações na plataforma tem uma rede de contatos, o dado ainda sim gera preocupação. Em relação ao compartilhamento em outras redes sociais, 63% responderam que não têm o hábito de compartilhar informações e 38% afirmaram que sim, costumam compartilhar informações nas redes sociais.

Percepções dos jovens sobre a desinformação

Com o intuito de identificar a percepção que os jovens detêm em relação às notícias que circularam nos mídia e nas redes no Brasil, foi aplicado um teste contendo doze manchetes mais repercutidas nos últimos anos. Embora a questão seja formulada apenas com o uso de manchetes, sendo uma ferramenta frágil e insuficiente para aferir qualquer forma de literacia para os mídia, a enquete levanta questões quanto a capacidade que os estudantes detêm em identificar e perceber o que é informação. A leitura crítica das informações nos mídia nasce também da identificação dos meios aos quais as informações são veiculadas, bem como a identificação e percepção dos elementos contidos nas manchetes e que podem extrapolar a realidade dos fatos. Ademais, o desenvolvimento de literacia para as leituras transmídia, fragmentadas, pode surgir com a capacidade de circular entre os mídia, meios e plataformas. Neste caminho, quanto mais os estudantes circulam entre os mídia e se deparam com informações, é possível que estejam mais aptos a identificá-las.

As manchetes indicadas no gráfico abaixo, traz consigo a fonte e/ou o meio a qual foi veiculada.

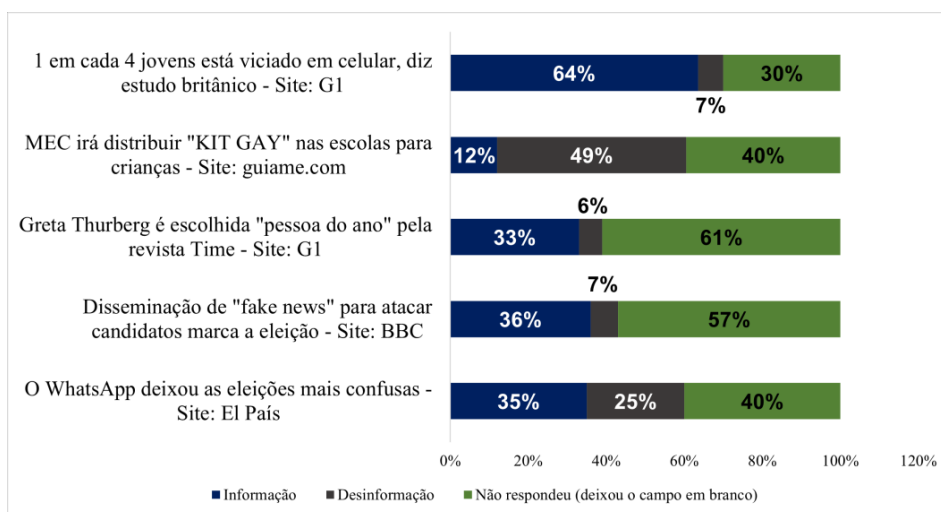


Gráfico 01: percepções em relação às informações e desinformações nos média do Brasil
Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A manchete com melhor desempenho, com 64% de acerto, indica que “*I em cada 4 jovens está viciado em celular, aponta estudo britânico*”. Para 7% dos jovens, entretanto, esta informação é, na verdade, desinformação.

Em seguida, a notícia “*Disseminação de ‘fake news’ para atacar candidatos marca eleição*” foi identificada como informação por 36% dos estudantes. Contudo, para 25% essa manchete foi atribuída como desinformação. Em terceiro lugar, o artigo publicado pelo El País Brasil em junho de 2018, intitulado “*O WhatsApp deixou as eleições mais confusas*” foi classificado como informação por 35% dos jovens. 25%, entretanto, indicaram esta opção como desinformação. Para finalizar, a manchete “*Greta Thurberg é escolhida ‘pessoa do ano’ pela revista Time*, de acordo com 33% dos estudantes trata-se de informação. Já 6% acreditam que a manchete é, na verdade, uma desinformação e 61% não souberem classificar do que se tratava o título, optando pela opção “não se informar”.

Em relação às desinformações, destaca-se a manchete “*MEC irá distribuir ‘KIT GAY’ nas escolas para crianças*”⁸. A pesquisa indica que, tempos depois, a desinformação do “KIT GAY” nas escolas ainda gera discussões e, embora já tenha sido caracterizada como desinformação, a “fake news” ainda gera dúvidas. A pesquisa mostra que 12% dos estudantes do ensino médio ainda acreditam que esta desinformação é, na

⁸ Esta desinformação ganhou repercussão nacional no Brasil em 2018, sendo um divisor de águas no resultado das eleições, beneficiando os discursos conservadores de grupos radicais ultraconservadores.

verdade, informação. Como postulam Keersmaecker e Roets (2017) e Massarani et al. (2019), que uma desinformação, mesmo depois de ser comprovada como tal, continua exercendo influência nas tomadas de decisões, justamente pela sua capacidade de perdurar por tempos.

Considerações finais

A integração das narrativas pedagógicas com as narrativas produzidas pelos média de informação e comunicação podem proporcionar o aprendizado de uma realidade simultânea, dinâmica e necessária. Por meio da pesquisa, observa-se um distanciamento entre a educação escolar e os média de informação e comunicação. Embora a educação escolar não seja a única responsável pela construção do conhecimento dos estudantes em relação aos média, já que este aprendizado é transversal, o distanciamento da educação com o jornalismo pode estar associado às dificuldades que os estudantes indicaram em relação ao papel do jornalismo na sociedade. O estreitamento da relação entre a educação e os média de informação pode auxiliar os estudantes a identificar a linha tênue que existe entre as informações produzidas pelos média do jornalismo de outros tipos de conteúdo.

A partir apresentados, pondera-se que escolas públicas avaliadas oferecem estruturas tecnológicas insuficientes que contemplem os desdobramentos da convergência. Além disso, a dinâmica de ensino se caracteriza como insuficiente no sentido de integrar os aspectos da convergência mediática como prática pedagógica na promoção de novas formas de literacia para os média. Desta forma, impossibilitam que os jovens estudantes desenvolvam comportamentos que experienciar a prática de leituras transmídia das informações. Como visto, os aprendizados de novas formas de literacias dão-se por intermédio da experimentação de novas propostas de ensino. Ou seja, é insuficiente apenas oferecer computadores aos jovens estudantes, sem abordar a importância dos média do jornalismo, da informação e os caminhos na busca por informações confiáveis. Embora façam uso massivo da internet, das redes sociais e das tecnologias de comunicação e informação, principalmente dos *smartphones*, existe pouco empenho no consumo de informações produzidas pelos média do jornalismo. Por conta disso, pondera-se que os estudantes podem estar mais suscetíveis aos riscos das desinformações e menos aptos a identificar o que é informação e o que é desinformação. O

comportamento de partilha nas redes e na plataforma *WhatsApp* reforça que os jovens brasileiros em questão, mesmo não tendo pleno domínio sobre o que é informação e desinformação, podem contribuir para a propagação de desinformações.

Referências

BRITES, Maria José. **Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação**. Covilhã, LabCom Books, 2015. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39998/1/MJB_%5b2015%5d_jovens_culturas_civicas.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

CAETANO, Lucia. **Media Literacy: Práticas Dirigidas a uma Comunicação Cidadã**. PENSACOM, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/textos/17-lucia-helena-vieira-caetano.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

CARDOSO, Gustavo.; BALDI, Vania. (coord). **As Fake News numa sociedade pós-verdade Contextualização, potenciais soluções e análise**. Relatório OBERCOM. junho. 2018. Disponível em: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/06/2018-Relatorios-Obercom-Fake-News.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

DE KEERSMAECKER, Jonas.; ROETS, Arne. **‘Fake news’: incorrect, but hard to correct. The role of cognitive ability on the impact of false information on social impressions**. *Intelligence*, 65, 107-110, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160289617301617>. Acesso em: 04 ago. 2022.

FONTCUBERTA, Mar de. **A Notícia Pista para Compreender o Mundo**, 3ª ed., Alfragide: Casa das Letras/Oficina do Livro, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, (1987/1970).

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Edição Ampliada e Atualizada. Trad. Alexandria, São Paulo: Aleph, 2019.

LIVINGSTONE, Sonia. S. **What is media literacy?** *Intermedia*, 32 (3). pp. 18-20. 2004. Disponível em: [http://eprints.lse.ac.uk/1027/1/What_is_media_literacy_\(LSERO\).pdf](http://eprints.lse.ac.uk/1027/1/What_is_media_literacy_(LSERO).pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

LOPES, Paula. **Literacia mediática – conceito e orientações: a abordagem europeia. Literacia(s) e literacia mediática**. CIES-IUL, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/195/1/literacia\(s\)%20e%20literacia%20mediatica.pdf](https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/195/1/literacia(s)%20e%20literacia%20mediatica.pdf). Acesso em: 04 ago. 2022.

MALHOTRA, Naresh. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. pp. 150-165. Bookman, 2006.

MASSARANI *et al.* I. **O que os jovens brasileiros pensam da CT&I?**, 2019. Resumo executivo. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/Resumo%20executivo%20survey%20jovens_FI_NAL.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

MORA, Gabriela.; SILVA, Natália Teles. **As novas gerações e a literacia midiática: possibilidades de educar para a cidadania**. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 5, n. 6, p. 7053-7071, jun. 2019. Disponível: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/1992/0>. Acesso em: 04 ago. 2022.

PEREIRA, Sara.; PINTO, Manuel.; MOURA, Pedro. **Níveis de Literacia Mediática: Estudo Exploratório com Jovens do 12º ano**. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho Braga, Portugal, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40488>. Acesso em: 04 ago. 2022.

PERUZZO, Cicilia. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Comunicação e Informação, 2(2), 205-228, 1999. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80101>. Acesso em: 04 ago. 2022.

PETRELLA, Simone. **Repensar competências e habilidades para as novas gerações. Propostas para uma nova literacia mediática**. Revista Comunicando, 1, pp.205-222, 2012. Disponível em: <https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/121/65>. Acesso em: 04 ago. 2022.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives Digital Immigrants**. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

ROSA, Beatrice. **A transdisciplinariedade das literacias emergentes no contemporâneo conectado: um mapeamento do universo documental das literacias de mídia e informação (MIL)**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). USP, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-09032017-143021/publico/BEATRICEBONAMIROSA.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

ZANELLA, Liane Carly. **Metodologia de pesquisa**. 2ª. ed. reimp. Departamento de Ciências da Administração da UFSC: Florianópolis, 2013. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.